

Fall 2019

## Alexandre Le Roy, Missão ao Kilimanjaro

Florentine Mallya

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

---

### Recommended Citation

Mallya, F. (2019). Alexandre Le Roy, Missão ao Kilimanjaro. *Horizontes Espiritanos*, 14 (14). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol14/iss14/12>

This Soundings is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.



Florentine Mallya, C.S.Sp.  
Florentine Mallya, C.S.Sp., da província de Tanzânia, é coordenador para formação e educação no generalato em Roma e superior de Villa Notre Dame, a casa de estudos para confrades seguindo estudos especializados, em Roma. Antes disso, ele serviu na equipe provincial de liderança da Tanzânia, depois de trabalhar como missionário em Guiné Conakry e Senegal para treze anos. Ele tem um D.Min na área de estudos intercultural da União Católica Teológica (Catholic Theological Union) em Chicago, (2003).

*Traduzido do inglês pelo P. João Mónico, C.S.Sp. Lisboa*

*Le Roy não era só um bom escritor, era também um talentoso geógrafo, botânico, antropólogo, e artista*

## MISSÃO AO KILIMANJARO: A HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DUMA MISSÃO CATÓLICA NA ÁFRICA ORIENTAL

### Introdução

Em junho de 1914<sup>1</sup>, o Arcebispo Alexandre le Roy, C.S.Sp. começava o prefácio da reedição da sua maravilhosa obra, *Au Kilima-Ndjaro* (ao Kilimanjaro) com estas palavras:

As páginas que estás prestes a ler contêm o relato duma viagem de exploração ao Kilimanjaro (África de Leste). A viagem foi realizada em 1890 para estudar as então desconhecidas nações a fim de encontrar novos centros de evangelização<sup>2</sup>.

Le Roy é claro acerca do propósito de seu livro. No prefácio, lembra aos leitores que, inicialmente, o livro apareceu numa série de artigos escritos para o jornal, “*Les Missions Catholiques*” (Missões Católicas) de Lyon e, depois, compilado num único volume. Estes artigos destinavam-se aos benfeitores, associados, e amigos da missão. Le Roy escrevia extraordinariamente bem; era um escritor dotado e atraente.

O livro tinha vinte e oito capítulos divididos em três partes: Part.I: “De Zanzibar a Kilimanjaro”; Part II: “Em Kilimanjaro”; a Part III: “Do Kilimanjaro a Zanzibar”. Cada capítulo tem um sumário no início, num estilo que leva o leitor a imaginar o que vem a seguir. O próprio Le Roy escreveu um Post scriptum (um texto) quase quarenta anos depois da exploração de 1890, altura em que, infelizmente, muitos dos seus companheiros na aventura tinham partido deste mundo.

Le Roy não era só um bom escritor, era também um talentoso geógrafo, botânico, antropólogo, e artista. O livro não é acerca dele, mas acerca do estudo das condições de vida, realizados por três bravos missionários Espiritanos; Mgr. Raoul de Courmont, O P. August Commenginger, e o ainda P. Alexandre Le Roy em vista à abertura de novas missões no interior da África de Leste. Le Roy sobressai devido à sua natural inclinação missionária, talento humano, sentido de humor e convicções profundas – qualidades que são a chave para compreender o livro. Em qualquer parte do livro, ele dá sinais do seu método. Um missionário deve,

por vocação, conhecer a geografia física dos países que evangeliza, como os rios, estradas, caminhos, meios de comunicação, os obstáculos, florestas, desertos e montanhas. Deve estudar a natureza geral do terreno, tomar nota da densidade populacional de qualquer localidade e examinar as relações que ligam um povo a outro, uma tribo com outra tribo, uma família a outra<sup>3</sup>.

*a exploração teve lugar  
justamente cinco anos  
depois da infame  
Conferência de Berlim  
(1884-1845)*

Le Roy presta admiravelmente atenção a estes parâmetros e relata, com espantosa facilidade, os acontecimentos ao longo do caminho. Em conclusão, este método distingue claramente a agenda missionária da agenda colonial. É bom ter em mente que a exploração teve lugar justamente cinco anos depois da infame Conferência de Berlim (1884-1845) que deu estatuto jurídico e aprovação à frenética disputa e partilha do Continente Africano em esferas de influência entre os maiores poderes da Europa. Le Roy e os seus companheiros estavam bem conscientes desta realidade política. Teimosamente eles escolheram ater-se à agenda missionária e evitar tudo o que pudesse comprometê-la.

Le Roy tinha uma natureza aventureira. Como missionário jovem em Zanzibar e Bagamoio, já tinha atravessado uma boa parte do Vicariato de Zanzibar procurando novas possibilidades de expansão a partir das “Missões-Mãe”. O seu olhar estava constantemente fixado no interior. No tempo em que o Bispo de Courmont decidiu explorar Kilimanjaro, Le Roy tinha acumulado uma rica experiência e conhecimento do terreno que se tornou uma enorme vantagem para o grupo.

### **De Zanzibar a Kilimanjaro**

Parte I do livro oferece uma rica informação de fundo acerca do Kilimanjaro, “a motanha de água”, que foi um quebra cabeças não só para os comerciantes Árabes e Swahili da costa, exploradores, viajantes, mas também para os geógrafos.

*A Sociedade Missionária  
da Igreja Inglesa,  
abriu caminho para  
o Kilimanjaro aos  
missionários Cristãos*

À parte o interesse científico e a construção da intensa manobra política em volta da Conferência de Berlim, Kilimanjaro fez despertar o interesse missionário. A Sociedade Missionária da Igreja Inglesa, abriu caminho para o Kilimanjaro aos missionários Cristãos a partir da sua base em Mombasa 1885. Mgr. De Courmont que tinha estado remoendo sobre este projecto por algum tempo, decidiu-se finalmente em 1890.

De Zanzibar, os missionários foram de barco até Mombasa onde chegaram no dia 10 de julho e estabeleceram uma base logística “*ad hoc*” nas preferias da cidade. Infelizmente, eles não puderam sair dali tão cedo como planeavam. O problema estava sobretudo na dificuldade em arranjar os indispensáveis carregadores.

Quando eles finalmente saíram a 17 de julho, às nove horas da manhã, eles não tinham dúvidas acerca do seu destino e do propósito da viagem.

O nosso alvo era Kilimanjaro. De Mombasa o caminho mais directo, e aquele que a maior parte dos viajantes tomavam, era este, através de Taita. Mas a água era muito pouca nesta ocasião do ano, e para mais, a área já havia sido explorada, e, com a possível excepção de uma pequena parte, não parece oferecer garantias para o trabalho missionário. A sul temos o país Digo, que tem sido muito pouco estudado. Se passarmos por meio dele, poderíamos finalizar esta parte da viagem em Vanga, e, dali, continuar para Sambara e país de Pare, Lago Jipe e Taveta. Esta viagem seria duas vezes mais longa do que a outra; mas, ao fazê-la, teríamos água e comida para a caravana, e poderíamos ver as diferentes áreas, onde, cedo ou tarde, poderiam estabelecer-se missões<sup>4</sup>.

O que segue na primeira parte do livro é o actual trajecto segundo o itinerário descrito acima. Le Roy não era um escritor abstracto. Conhecia os seus leitores e queria envolvê-los de todas as maneiras possíveis. Além de escrever, ele usava desenhos a lápis, para imortalizar paisagens, animais, insectos, plantas, flores, árvores, pessoas, aldeias, rios, montanhas, morros, artefactos, instrumentos, utensílios, etc. O seu olho fino capturava pequenos detalhes em alguns desenhos que ele fazia quase com precisão fotográfica. Em algumas ocasiões, dirigia-se directa-mente ao seu público: “Leitor, é um grande segredo. Todavia, se me promete não dizer a ninguém. Posso deixar-te entrar nas minhas confidências...” Ele queria realmente captar a imaginação deles e viajar com eles para lugares exóticos em que nunca tinham estado.

*ele usava desenhos a  
lápis, para imortalizar  
paisagens, animais,  
insectos, plantas, flores,  
árvores, pessoas, aldeias,  
rios, montanhas,  
morros, artefactos,  
instrumentos, utensílios*

Os missionários viram uma silhueta do Kilimanjaro pela primeira vez quando iam a deixar as montanhas Pare em direcção ao Lake Jipe. Viram-no “descoberto” mesmo antes do pôr do sol na véspera da sua partida do acampamento à beira do lago para Taveta. Le Roy era poético. O que eu estava a ver era a espécie de experiência que nunca se pode esquecer: Ali, diante de nós, contra um pano de fundo de céu azul o enorme contorno da maravilhosa montanha levantava-se, como se fosse o trabalho dum artista vigoroso. Eu podia ver dois cumes: o da esquerda, arredondado e deslumbrante na sua claridade, que se chama Kibo, o gigante africano que ergue as sua cabeça coberta de neve a mais 6.000 metros; o outro à direita, mais perto de nós, denteado, escuro, bastante assustador, com algumas manchas brancas apenas – este é Mawenzi que está apenas a 5.300 metros acima do nível do mar, mas que visto do Lake Jipe parecia ser tão alto como Kibo. Devido à posição em que eu estava, o plateau que liga os dois cumes era praticamente invisível. Não podia ver nenhum dos detalhes da paisagem do maciço, nem florestas, ou vales, nem picos separados. As duas crateras pareciam estar apoiadas num enorme pedestal, feito um só pelas corrente de lava como se servissem de candelabros acesos no curso dos séculos à glória do Criador. Ai! É quase a única homenagem que ele recebeu nestas terras, e foi lhe dada pela sua própria mão<sup>5</sup>. A Parte I do livro termina em Taveta; onde a caravana missionária acampou por dois dias. Esta era uma paragem que se antevia por causa da sua proximidade com Kilimanjaro. Era também um local popular “Onde todos os Europeus acampavam”. Viajantes famosos e exploradores passaram por Taveta.

Le Roy sentia-se orgulho em declarar; “Mas nós fomos os primeiros missionários Católicos e o primeiro Francês que teve a honra de assentar o seu acampamento aqui<sup>6</sup>.”

### **Em Kilimanjaro**

Mesmo antes dos missionários deixarem Mombasa para Kilimanjaro, Le Roy deixou a descoberto os detalhes acerca da viagem que se aproximava e do propósito da exploração. O estudo das condições para viver que eles deviam levar a cabo não excluía outras áreas, mas Kilimanjaro permanecia o seu primeiro objectivo. Por isso, a Parte II do livro cobre uma série de elementos do programa dos missionários em Kilimanjaro numa maneira bem extensiva e bem indagada. Le Roy dá uma actualização acerca deste programa.



*Les portes de Kilema*

Vimos o mais interessante e os mais densamente povoados distritos da terra de Chaga: Marangu, Kilema, Kirua, Moshi, Uru, Kiboshu, Machame, Useri, e Rombo no Leste. Não fomos a Kibomg'oto no oeste mas obtivemos informação fidedigna sobre ele. Mas temos ainda de completar todos estes items no nosso programa<sup>7</sup>.

Se o programa dos missionários fosse correndo como esperado, era em parte devido à dedicação e sacrificio de gente humilde como Nderingo, um jovem de Kilema que pediu para integrar a caravana missionária em Mombasa. Nas palavras de Le Roy “Foi a Providência que o enviou a nós missionários”<sup>8</sup>. Tornou-se a mão direita dos missionários e serviu nas diferentes situações como “guia, intérprete, e pessoa capaz de colher conhecimentos”<sup>9</sup>. Era uma espécie de “figura escondida” considerando o papel forte<sup>10</sup> que desempenhava em convencer os missionários a visitar Kilema, onde a primeira estação missionária foi fundada no Kilimanjaro. Ofereceu-lhes inigualável lealdade de serviço. Foi graças a Nderingo, que os missionários encontraram o primeiro chefe de Chagga, Fumba, com quem Le Roy fez o famoso pacto de sangue de fraternidade em Kilema.

O período de um mês, passado em Kilimanjaro, foi agitado mas igualmente compensador, de muitas maneiras. Para começar, o desejo mais querido de Mgr. Courmont tornou-se realidade quando celebrou Missa aos pés de Kilimanjaro, no dia da Assunção, 15 de agosto de 1890. Então puderam viajar ao longo e em redor da montanha no meio das guerras de Chagga e conseguiram passar horas sem conta em conversações com os chefes locais e com o povo. Alguns destes encontros ajudaram a ajustar o seu programa tendo em consideração a realidade local. Escreve Le Roy. “As nossas conversações com Mandara, assim como o conhecimento que adquirimos de outras fontes, convenceu-nos de que apenas visitando o lado oeste da montanha podíamos reclamar ter explorado inteiramente Kilimanjaro<sup>11</sup>. Todos estavam excitados com isto:

*Tornou-se a mão direita dos missionários e serviu nas diferentes situações como “guia, intérprete, e pessoa capaz de colher conhecimentos*

Mgr. De Courmont quis ele mesmo ir mais para cima “tão alto quanto se possa”. Estávamos ali aos pés do maior altar que Deus dera a este continente; estávamos na obrigação de ir e oferecer o santo sacrifício da Missa ali; e rezar por toda a África. “*Introibo ad altare Dei, ad Deum qui laetificat juventutem meam* (Irei ao altar de Deus, a Deus que alegra a minha juventude)<sup>12</sup>.”

*Le Roy observava, comparava e contrastava os dados geográficos, botânicos e zoológicos que ele havia colhido acerca do maciço*

Subir ao “teto da África” não era só uma peregrinação religiosa; era em parte uma aventura mas também uma verdadeira expedição científica. Enquanto eles subiam, Le Roy observava, comparava e contrastava os dados geográficos, botânicos e zoológicos que ele havia colhido acerca do maciço. Também coligia uma variedade de espécimes de flora e fauna destinados á investigação científica

Não há dúvida que ele levou tempo para reunir muita informação acerca de Chagga e sua população. Ele estava bem consciente de que não iam inventar a roda. É por isso que aludia a histórias, relatos, e escritos de viajantes, outros missionários, comerciantes da costa Árabe e Swahili, mas não se sentiu obrigado a seguir as suas ideias. O Leitor encontrará também mais tarde algumas das narrações de Le Roy na Parte III do livro, que podia ser comparado com o estudo do trabalho de campo levado a cabo por um pesquisador sério.

A convergência de dois factores-chave não facilitou a escolha de um local seguro para a fundação da primeira missão no Kilimanjaro. Por um lado, havia a atitude política sobre a terra de Chagga entre os chefes locais na sua luta pela hegemonia sobre os pequenos reinos. Por outro lado, era o começo do estabelecimento da lei colonial Germânica. Todavia, a oportunidade da sua visita durante o período das guerras do Chagga não impediram os missionários de ir em frente com a sua agenda, como se evidencia na Parte II do livro.

### **De Kilimanjaro para Zanzibar**

A Parte II do livro cobre a viagem de regresso ao litoral no início de setembro de 1890. Os missionários optaram por um itinerário de regresso completamente diferente, que era mais desafiante uma vez que seriam obrigados a passar por territórios não cartografados.

No entanto era uma experiência que valia a pena porque ajustava-se bem com o objectivo geral da exploração. Enquanto no caminho, Mgr de Courmont procuraria a garantia da protecção da planeada caravana missionária ao Kilimanjaro da parte dos chefes locais. Um outro benefício tirado é que a experiência ganha durante a jornada seria útil para a preparação logística de uma nova caravana.

Uma obrigação decisiva se impôs sobre os missionários antes de começarem a viagem de regresso. Tinham que decidir sobre o local onde a primeira missão Católica no Kilimanjaro seria fundada. Não era uma decisão fácil. Reflectiram cuidadosamente sobre o assunto, pediram conselho e usaram algum tempo para rezar sobre isso. Finalmente, Mgr Courmont deu instruções. O P. Commenginger, o futuro fundador da missão, devia ficar atrás sob a protecção de M.d'Eltz<sup>13</sup>. Dependendo da situação política, o Plano A era estabelecer a primeira missão em Machame, plano B em Kilema. Moshi foi eliminado da escolha, talvez devido à presença da Missão Anglicana. O Bispo de Courmont e Le Roy deviam tomar o caminho de regresso ao litoral seguindo um itinerário diferente, o que lhes permitiria explorar territórios menos conhecidos e ir ao encontro de diferentes populações. Eles pretendiam alcançar Bagamoyo, no sudeste, via Mandera.

*Tinham que decidir sobre o local onde a primeira missão Católica no Kilimanjaro seria fundada*

Os missionários passaram quatro dias no posto do governo na Baixa Arusha, cortesia do Sr. d'Eltz, em preparação para a longa caminhada para a costa. No dia 13 de setembro os missionários reorganizaram a caravana e começaram a caminhada em direcção a Ruvu onde uma cena emocionante teve lugar, mesmo antes de atravessarem o rio. Estava na hora de dizer adeus á boa companhia do Sr. d'Eltz, Dr. Baxter<sup>14</sup>, o Padre Augusto Commenginger, duas crianças Católicas<sup>15</sup> e Nderingo. No dia 14 de setembro alcançaram a base das montanhas Pare do lado oeste. Recorde-se que eles já tinham viajado pelo lado oposto das mesmas montanhas vindos de Gonja na subida para o Lago Jipe no norte. Agora eles tiveram de discutir o seu caminho para sul durante 5 bons dias, passando por densas, e acidentados matagais entre cinco a oito horas por dia para circundar as montanhas Pare. Os Maasai parecem ter sido os únicos viajantes nesta terra solitária<sup>16</sup>.



*Le Roy dedica todo o capítulo 26 aos Maasai examinando quase todos os aspectos da sua vida desde o berço à tumba*

Le Roy dedica todo o capítulo 26 aos Maasai examinando quase todos os aspectos da sua vida desde o berço à tumba. Enquanto seguiam, os missionários, continuaram a encontrar pessoas de outros grupos étnicos como os Zigua e Ndorobo que eles desconheciam. Tiveram um encontro memorável com o famoso chefe Sambara, Semboja<sup>17</sup>. O grupo de missionários continuou. Caminharam para sul na planície ao longo do lado oeste das montanhas Usambara depois de Korogwe a Maurwi. As pessoas que encontram, por exemplo, os Bondei, cumpriam trabalhos agrícolas, usavam dinheiro, vestiam panos e falavam Swahili. O Islão estava sempre presente nestas áreas dada a proximidade da costa, mas não estava enraizado. É interessante que Le Roy via continuamente a possibilidade de trabalho missionário entre os diferentes grupos étnicos que encontravam. Pessoalmente, ele achava que o trabalho missionário poderia ter tido sucesso entre estes povos mas o facto é que havia falta de pessoal e de fundos para o realizar.

Para chegar a Bagamoyo eles tanto podiam tomar a estrada de Pagani como a de Zigua. Escolheram a última e partilharam caminhos com o grupo de Salim<sup>18</sup>. Aqui está a razão para a escolha que fizeram:

Embora a estrada para Zigua fosse mais longa, permitia-nos conhecer a região, ainda pouco conhecida, se bem que não fosse longe da costa. Além disso teríamos o prazer de encontrar no caminho o irmão de Selemani, um dos homens importantes da região e depois visitar a nossa missão em Mander<sup>19</sup>.

*viu um dos seus carregadores ser literalmente comido com “pimenta e sal” à sua frente*

A pausa em Mander foi breve. A travessia do país Doe trouxe tristes recordações a Le Roy que na companhia de um colega durante uma das suas anteriores viagens exploratórias do interior, viu um dos seus carregadores ser literalmente comido com “pimenta e sal” à sua frente. É por isso que chamou a Doe “a terra das colinas e do canibalismo”<sup>20</sup>.

Finalmente Bagamoyo! A caravana missionária atravessou o rio num barco e depressa alcançou os arrabaldes de Bagamoyo. Os coqueiros da missão saudaram o termo da sua longa e árdua jornada de ida e volta a Kilimanjaro. A cena da triunfante entrada foi cuidadosamente preparada. Os carregadores sabiam como melhor representar e dramatizar a cena não apenas com o barulho dos tiros das espingardas mas

também na maneira como eles usavam os trajos tradicionais que lhes davam um impressionante aspecto exótico ante a admirada população local. Le Roy captou este inesquecível momento:

Entramos na missão majestosa e lentamente. Até Mgr. de Courmont teve que participar. Ele estava mesmo no fim da procissão, tendo nas mãos o seu báculo pastoral. Digo, sem dúvida, báculo pastoral, que o chefe de Same lhe ofereceu. Então a um sinal dado, estes valentes carregadores que experimentaram a nossa paciência durante os três meses da viagem, mas a quem agora tudo é perdoado, entoaram um cântico Maasai, com tremendo sucesso, que lhes ganhou imensa admiração da parte dos que passavam. As pessoas correram, tiros de espingarda foram disparados, diferentes explosões de alegria se misturaram, os sinos tocaram, a capela foi aberta e agradecemos a Deus... A jornada terminara<sup>21</sup>.

### **Quarenta anos depois**

Le Roy juntou um post scriptum (texto), mais tarde, para informar os leitores acerca do resultado da expedição que fizeram ao Kilimanjaro. Ele olhou para trás com um sentido de satisfação e gratidão. O sucesso da corajosa tentativa de fundar uma Missão Católica numa “distante região de África” era um sonho tornado verdade. A actualização é acerca das pessoas mencionadas nas páginas anteriores e dos locais e factos ligados a toda a narração. Ele comenta:

*O sucesso da corajosa tentativa de fundar uma Missão Católica numa “distante região de África” era um sonho tornado verdade*

Se contarmos os passos dados por um missionário numa terra por evangelizar, uns não deram fruto, outros foram desperdício, mas não se pode dizer isso de todos. Terá sofrimentos, umas vezes das coisas, outras vezes dos animais e outras por parte do ser humano, e às vezes por todas elas ao mesmo tempo. S. Paulo disse isso no seu tempo. Mas quando, mais tarde, olha para trás para estes caminhos não explorados que ele regou com o seu suor ele vê a luz brilhar nas trevas que reinaram aqui. Ele esquece as misérias do passado e lembra apenas as deliciosas experiências, e só tem sorrisos para a sua presente situação, e caminha em frente para o futuro, feliz com a sua sorte, profundamente agradecido a Deus<sup>22</sup>.

*vem, jovem, substitui  
os missionários  
envelhecidos, que,  
antes de adormecer,  
procuram novas  
mãos a quem possam  
confiar a sua bandeira*

Em resumo: devemos concordar que o livro está cheio de grande fervor missi-onário que poderia ainda ser contagioso nos nossos dias. A história termina com um apaixonado apelo digno de se prestar atenção: Esta (evangelização) é o nosso trabalho: vem, jovem, substitui os missionários envelhecidos, que, antes de adormecer, procuram novas mãos a quem possam confiar a sua bandeira. Glória a Deus! E paz aos homens de boa vontade<sup>23</sup>!

Hoje, este livro podia, com razão, ser considerado uma peça de grande valor missionário e histórico. Regista informação única acerca de gente e lugares difíceis de descobrir noutra parte. O livro é de particular interesse para nós missionários da Congregação do Espírito Santo (Espiritanos), porque cria uma espécie de pano de fundo histórico. Todavia, isto não é dito com a intenção de evocar sentimentos de nostalgia, mas antes espera-se que o leitor fique edificado e retire sabedoria desta grande história missionária como um adequado tributo àqueles que fizeram sacrifícios pessoais por esta missão.

*Florentine Malbya C.S.Sp.  
Coordenadora da formação, Roma*

## Referências

Le Roy, “Exploration et mission au Zanguebar, Belgeo”. *Revue belge de géographie* (2014) 1-18.

## Notas de Rodapé

<sup>1</sup>Traduzido do inglês pelo P. João Mónico, C.S.Sp. Lisboa.

<sup>2</sup>Le Roy, *Au Kilimanjaro*, “Prefácio do Autor”. A tradução inglesa deste livro, intitulada, *Mission to Kilimanjaro*, está na tipografia e deve ser publicada nos princípios de 2020.

<sup>3</sup>In “Exploration et mission au Zanguebar”, 8.

<sup>4</sup>*Mission to Kilimanjaro*, capítulo 2.

<sup>5</sup>Capítulo 14.

<sup>6</sup>Capítulo 15.

<sup>7</sup>Capítulo 20.

<sup>8</sup>Capítulo 16.

<sup>9</sup>Ibid.

<sup>10</sup>Ibid.

<sup>11</sup>Capítulo 18.

<sup>12</sup>Capítulo 19. Assim começava a Missa, segundo o rito Tridentino.

<sup>13</sup>Para nós, o Sr. d'Eltz estava longe de ser uma pessoa desconhecida. Nasceu na Polónia numa família aristocrata, que tinha alguns membros a viver em França. A maior parte da sua juventude passou-a na Rússia, nas montanhas Ural e na Sibéria. Mais tarde, veio para África e, em Bagamoyo, tivemos diferentes ocasiões de beneficiar da sua generosidade, da sua confiança, e da sua integridade que o assinalou como um verdadeiro gentleman. Muitas vezes instou com Mgr.de Courmont a comprometer-se com a fundação duma missão em Kilimanjaro, mas as circunstâncias levaram-no a adiar o projeto, e como parecia hoje que devia ter sido realizado, o Sr. d'Eltz estava particularmente feliz (capítulo 17).

<sup>14</sup>Um voluntário amigo na Missão Anglicana de Moshi.

<sup>15</sup>Capítulo 3 e Postscript.

<sup>16</sup>Os Maasai são o único povo que viajam nesta solitária terra, e eles não se interessam com caminhos. Calçando duras sandálias feitas de pele de boi e levando uma grande seta na mão, eles vifam como um poeta romântico, sem dinheiro e mesmo sem bolsos. A única coisa que poderiam temer seria o que preocupava o povo da Antiga Gália: a possibilidade de que o céu caísse sobre a terra” (capítulo 25).

<sup>17</sup>Capítulo 27.

<sup>18</sup>Aceitamos isto (pedido de alguns comerciantes de marfim de Paganí que pediram para se juntar à caravana missionária) muito prontamente, uma vez que entre eles podíamos encontrar guias para esta viagem ao desconhecido e mesmo um intérprete para tratar com os Maasai. Este era um homem chamado Salim, que tinha a ousadia do diabo e uma extraordinária facilidade em falar (capítulo 25).

<sup>19</sup>Capítulo 26.

<sup>20</sup>Capítulo 28.

<sup>21</sup>Ibid.

<sup>22</sup>Postscript

<sup>23</sup>Ibid.